

DINÂMICA COMUNICATIVA NOS WORKSHOPS DOS CENÁRIOS PARTICIPATIVOS DO PROJETO AMAZALERT.

Elza KAWAKAMI SAVAGET¹

Marko MONTEIRO²

Mateus BATISTELLA³

Ana Paula Dutra de AGUIAR⁴

Resumo

Este artigo analisa a dinâmica comunicativa no projeto científico Amazalert, especificamente nos workshops para construção de Cenários Participativos, uma ferramenta que privilegia a participação de especialistas e *stakeholders* para a construção de cenários futuros, de onde surgiram algumas inquietações sobre a necessidade de integrar e sincronizar informações sobre diferentes políticas públicas, com objetivo de tornar a gestão territorial na Amazônia mais efetiva, dessa forma observamos que as práticas científicas desse gênero, cria espaços terceiros, entre a coleta de dados e a produção de resultados científicos que podem funcionar como atividades que vão além dos exercícios científicos tradicionais, podem se tornar tecnologias sociais explicitamente destinadas à influenciar tanto a ciência como a política de forma sinérgica.

Palavras-chave: projeto científico; políticas públicas; questões ambientais; comunicação; dinâmica comunicativa.

¹ Doutoranda do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Sociedade e Meio Ambiente – NEPAM /UNICAMP, e-mail: elzasavaget@me.com

² Pesquisador do Instituto de Ciência e Tecnologia – ICT – UNICAMP, e-mail: marko.monteiro@uol.com

² Pesquisador do Instituto de Ciência e Tecnologia – ICT – UNICAMP, e-mail: marko.monteiro@uol.com

³ Orientador, pesquisador e coordenador do Projeto Amazalert na Embrapa Monitoramento por Satélite

⁴ Pesquisadora do Centro de Ciências de Sistema Terrestre –CCST – INPE

INTRODUÇÃO

Este artigo relata práticas de comunicação desenvolvidas pelo projeto científico Amazalert. Exemplo de projeto multinacional, multi-institucional e multidisciplinar que visou desenvolver alertas precoces para possíveis *tipping points* na Amazônia, relacionados com as possíveis perdas irreversíveis de serviços ambientais cruciais. O Projeto visou a construção de ferramenta por meio de modelagens e integração dos cenários, construídos de forma participativa, em oficinas ou workshops, com os *stakeholders* na região. A tentativa foi capturar as perspectivas sociais que muitas vezes não são levadas em conta no trabalho com modelagem ambiental ou climática. Argumentamos que ao incorporar as variáveis sociais para construção de modelos mais robustos permitirão previsões mais confiáveis e alertas precoces, que poderiam influenciar de forma mais eficaz a política pública. Queremos discutir o potencial de tal ferramenta como uma maneira de captar, através de práticas específicas de comunicação, as percepções e as necessidades decorrentes dos *stakeholders* da região Amazônica. Mostrar que tal ferramenta é também um poderoso instrumento de política, em si, que mais do que coletar dados sociais, servem como potenciais formas de intervir nas dinâmicas sociais. Isso ficou claro em duas instâncias: (i) no 1º workshop que foi feito em Belém, envolvendo os *stakeholders* da região Amazônica. Neste exercício, pode-se explicitar conflitos latentes visíveis no nível local, que se referem a conflitos sociais históricos na Amazônia; (ii) no 2º workshop, realizado em Brasília sugere que tais exercícios de construção de Cenários Participativos podem ser ferramentas poderosas para fazer a interface e influencia na ações das políticas públicas. Pois reúnem atores que, normalmente trabalham separadamente, puderam discutir conjuntamente sobre problemas comuns, como por exemplo, o desmatamento na Amazônia, e os possíveis *tipping points* para perdas de importantes serviços ambientais; eles tiveram acesso aos discursos científicos que foram abertos para críticas e debates sobre as consequências das ações das políticas públicas; interações improváveis de acontecer em outras situações, com objetivos claros e com resultados palpáveis, como por exemplo a construção de Cenários Futuros, que podem mudar tanto a forma e o conteúdo de decisões posteriores que ocorrem nas arenas políticas. Queremos discutir, assim, com base nas provas recolhidas, através das análises das práticas de comunicação, neste projeto científico, que tais práticas, em si mesmas, ainda complexa e incerta, são ferramentas poderosas de intervenção. Isso acontece porque: (i) A construção coletiva e participativa de Construção de Cenários Participativos,

cria um novo espaço de comunicação onde os conflitos latentes se tornam aparentes e podem oferecer dados ricos sobre os conflitos entre as diferentes escalas (municipais, regional e internacional); (ii) esses exercícios coletivos promovem o diálogo entre os atores que poderiam nunca se encontrarem, portanto, potencialmente podem promover novas pontes e novas conversas entre eles; (iii) estes exercícios coletivos podem ser ferramentas poderosas para intervir nos processos políticos, criando um diálogo entre ciência, política e entre os diferentes atores.

CONTEXTO DO PROJETO CIENTÍFICO AMAZALERT

Analizamos metodologias que trabalharam a comunicação no Projeto Científico AMAZALERT⁵, na perspectiva interdisciplinar das ciências ambientais, que consideram a comunicação como um campo de conhecimento das ciências sociais. As práticas que foram analisadas decorrem dos dados que advém, principalmente, das dinâmicas comunicativas específicas promovidas pelo projeto científico que teve o envolvimento de uma equipe de pesquisadores internacionais, multidisciplinares e interinstitucionais. Tais instâncias de comunicação tiveram foco preferencial na interação direta com os vários setores da sociedades, nos espaços dos workshops, para construção de Cenários Participativos e nos debates sobre o Sistema de Alerta Precoce, tendo como premissa os possíveis *tipping points* que ameaçam o ecossistema amazônico. *Tipping point* (Lenton, 2011) é o fenômeno que modifica e afeta os serviços ecossistêmicos com consequências para as sociedades locais, regionais e planetárias, constituindo amplos problemas com impacto nos diversos setores da sociedade, questões essas que, emergiram motivadas pelas informações veiculadas pelo Relatório AR4 do IPCC (2007) sobre a importância da Amazônia na regulação climática planetária.

Reduzir as incertezas foi objetivo geral das pesquisas do projeto AMAZALERT que procurou entender melhor as influências das alterações climáticas e mudanças antrópicas pelo uso da cobertura da terra. Um dos objetivos específicos foi influenciar as formulações das políticas públicas para Amazônia e incentivar a implantação de um Sistema de Alerta Precoce (EWS) para os possíveis *tipping points* na região amazônica (AMAZALERT Proposal, 2011). Para atingir esses objetivos, foram previstas e realizadas uma série de

⁵ Programa de pesquisa multidisciplinar financiado por instituições europeias, reúne um consórcio de instituições nacionais, como o INPE e EMBRAPA; sul americanas, como o FAN (Bolívia) e UNAL (Colômbia) e europeias como ALTERRA (Países Baixos), MetOffice (Reino Unido, CNRS/IPSL (França), Ghent (Bélgica), PIK (Alemanha), Joanneum Reserch (Austria), VU University (Países Baixos), Universidade de Edinburgh e de Leeds (Reino Unido).

pesquisas direcionadas, os *works packages* (WP), para que conseguissem qualificar e quantificar as alterações na Amazônia, que afetariam os serviços ecossistêmicos em escala regional e global.

Dentre as pesquisas planejadas nos WPs foram previstas um conjunto de ações de comunicação para disseminação de informações e conhecimento para o público mais amplo como distribuição de material impresso; manutenção e atualização do website; trabalhos junto à mídia, nos estados amazônicos. Além do WP para comunicação institucional e científica⁶, pesquisadores do Projeto realizaram atividades que envolveram diretamente atores sociais de diversas formações discursivas, pessoas com atuações reconhecidas nas diversas arenas sociais das questões Amazônicas, utilizando a metodologia dos Cenários Participativos. São essas ações que foram destacadas e observadas na perspectiva da comunicação, sobretudo porque são participações que se basearam nos discursos.

DINÂMICA COMUNICATIVA NOS WORKSHOPS DOS CENÁRIOS PARTICIPATIVOS.

Nossa perspectiva considera os workshops para construção de Cenários Participativos, em si, como espaços de comunicação e de ações nos contextos estudados pelo Amazalert. Os workshops (ws) tornaram os *stakeholders* parceiros do projeto, não só para difundirem os resultados das pesquisas mas, para compartilharem os conhecimentos entre si e com a equipe de pesquisadores e cientistas. Além disso, os ws ajudaram ainda a ampliar o interesse dos convidados para os problemas sobre as mudanças climáticas e os possíveis *tipping points* no ecossistema. Assim, os cientistas inseriram o discurso das incertezas e das probabilidades futuras relacionadas à Amazônia, para o grupo de

⁶ Sobre a comunicação para o público científico estão disponibilizados os relatórios com resultados finais dos WPs, no site www.eu-amazalert.org. Além da produção de artigos científicos e participação em conferências para apresentação e disseminação dos resultados finais como a participação no XVII Congresso de Meteorologia em Gramado, organizado pela Sociedade Brasileira de Meteorologia com o tema *Uncertainties and challenges for planetary sustainability: the role of meteorological Science*. A participação dos pesquisadores do AMAZALERT foi focado na *Biosphere-Atmosphere Interactions in Amazonia* com ênfase no modelo INLAND (Randow, Jans, 2014). Também as ações específicas voltadas para disseminação de metodologias e capacitação técnica profissional para estudantes e pesquisadores como o workshop em Cachoeira Paulista, o *Integrated Model of Land Surface Processes – INLAND* e o *Project Midterm Meeting: Training on Tipping Points em Wageningen* para estudantes, pesquisadores e membros do Projeto Amazalert. O evento *Caxiuana on the job training on ecophysiological measurements*, que foi focado para estudantes e pesquisadores do Estado do Pará; o workshop internacional em Manaus sobre *Environmental Modelling in Amazônia*, realizado em parceria com o Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia – LBA com o objetivo “[...] to synthesize the scientific advances made to date in understanding the functioning of the Amazonian sócio-ecological, environmental systems and to identify way to among disciplines, and among established research programmes in Amazonia. Into the addition to the main event, two courses were organized as side events on modelling and on scientific publishing” (RANDOW, JANS, 2014)

stakeholders, e tornaram evidente a necessidade de comunicar sobre estes fenômenos. Para isso foi sugerido, após ser largamente discutido, pela comunidade científica do Projeto Amazalert estabelecer um signo metafórico para melhor representar as conclusões das pesquisas. Contudo, simultânea à sugestão sobre a construção de enunciados metafóricos (que poderiam ser de grande ajuda) surgiu a preocupação de como comunicar a prevenção, a incerteza e as probabilidades, sem parecerem catastróficas (KRUIJT, 2014, p.31).

Cenários são estudos que contam uma história sobre o futuro formuladas em palavras, números e/ou mapas, que servem para pensar futuros possíveis, prováveis, desejáveis e indesejáveis (Borjeson; Hojer et al, 2006 in Aguiar; Assis; Folhes et al, 2014, p.252) e “são utilizados em situações em que os fatores que influenciam o futuro são incertos, incontroláveis e com conhecimentos insuficientes”. Segundo Alcamo et al (2001, in Folhes e Aguiar e Santos Jr 2012, p.12) o termo cenário foi emprestado do teatro, especificamente pela sincronia análoga que há na dinâmica entre os atores (personagens) e todos os elementos que constituem um cenário. Em outras palavras, quando mudam os cenários (que simboliza o ambiente), também as cenas e os atos correspondentes são mudados. Na questão ambiental, pesquisadores trabalham com várias metodologias de Cenários. Cenários Participativos é uma delas, que pode ser nomeado de Cenário Elaborados por Especialistas (Folhes, Aguiar e Santos Jr, 2012, p.18). Essa metodologia privilegia a participação de grupos pessoas, na qual todos apreciam, opinam e decidem sobre os temas apresentados e colocados em questão. São grupos de especialistas e interessados. *Stakeholder* não é sinônimo de ator social, conforme a definição de Heijden (1996, in Aguiar; Assis; Folhes et al, 2014, p.261), “*stakeholders* são os interessados no tema em discussão no Cenário, que recebem as consequências das ações [...] atores são pessoas, agentes ou organizações que atuam, no objeto analisado”. A opção do Projeto Amazalert pela metodologia dos Cenários Participativos foi pela possibilidade de inclusão, participação e interface com especialistas dos vários setores que atuam na Amazônia. Além disso, os workshops são dinâmicas que podem potencializar os resultados políticos das propostas (Aguiar, Kok e Batistella, 2013).

No Brasil, a atividade, no Projeto Amazalert, foi trabalhada em duas etapas, o primeiro em Belém, no Estado do Pará e a segundo em Brasília. Os convidados foram escolhidos de acordo com as categorias estabelecidas no *AMAZALERT Proposal* (2011, p.17) – (tabela 1) considerando as atuações dos *stakeholders* nos setores produtivos,

representações de interesses coletivos e organizações não governamentais, mediados por uma equipe de pesquisadores com conhecimento reconhecido sobre a Amazônia.

Tabela 1- categorias de *stakeholders* estabelecidas no AMAZALERT Proposal de 2011.

Group A	Task: Scenarios development	Government oficial/staff, scientists/researches out side of government, representative from NGOs, agricultural and forest businesses
Group B	Task: Development of early Warning System	Some members of Group A plus energy, water and transportation planners; representatives of financial and insurance community; others dependent on Amazon ecosystem services
Group C	Task: Workshop and conference participants	Selected members from Group A&B plus EU Commission representatives; UNFCCC process representatives; Amazon officials, scientists, NGOs or business representative not otherwise participating in AMAZALERT

Para o primeiro workshop, foram identificados cerca de 200 instituições, 30 foram selecionadas e 20 convidados, priorizaram aqueles que, potencialmente, poderiam ter ou sofrerem algum tipo de influência dos efeitos das mudanças climáticas pelo uso e cobertura da terra, disponibilidade da água da Bacia Amazônica e aqueles que estivessem interessados nos resultados do Projeto.

Durante 3 dias, *stakeholders* e pesquisadores conhecedores da arena sócio política regional, se reuniram num mesmo espaço e tempo.

No primeiro dia, o grupo elencou as questões relacionadas aos temas estabelecidos pelo pesquisadores do Projeto Amazalert. Juntos, construíram quadros sintetizando o presente.

No segundo dia, discutiram as visões para até o ano de 2050 na Amazônia mirando para um futuro sustentável – Cenário A e para um futuro caótico – Cenário C.

No último e terceiro dia, de forma narrativa, construíram as trajetórias para os dois Cenários: tanto para o futuro sustentável (Cenário A), quanto para o futuro caótico (Cenário C).

Para o segundo workshop em Brasília, foram convidados 32 representantes de 15 instituições governamentais. Inicialmente, procuraram identificar representantes governamentais em posição de agregarem conhecimentos ao Projeto. Todos participantes convidados juntamente com a equipe de mediadores revisaram e refinaram todas as trajetórias dos dois cenários. Nos dois encontros, todos os convidados, pesquisadores participantes e mediadores debateram a partir dos seguintes temas: (i) recursos naturais; (ii) desenvolvimento social no campo e cidades; (iii) atividades econômicas, infraestrutura e tecnologia; (iv) contexto institucional e político (figura.1).

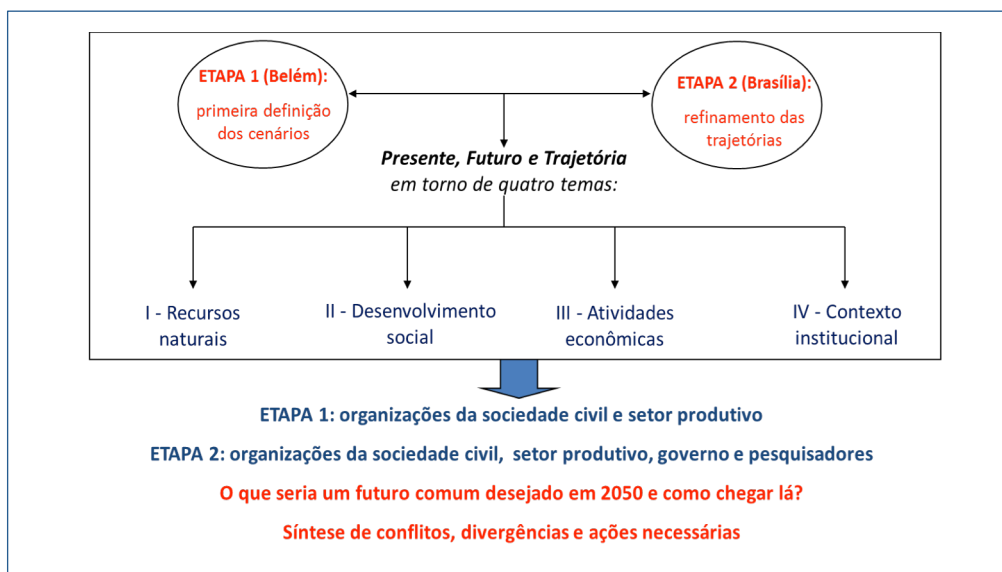


Figura 1 – Workshop structure. (AGUIAR, Ana Paula Dutra, 2013)

DINAMICA DAS PARTICIPAÇÕES

Para o 1º Workshop de Belém foram selecionados 30 instituições, por fim foram convidados 20 representantes que aceitaram e puderam participar (tabela 2). O Projeto mostrou que parte da sociedade está aberta para contribuir, debater e trocar conhecimento com os pesquisadores, mas foi necessário muito trabalho para que a diversidade social da sociedade amazônica, conseguisse estar representada.

Tabela 2- lista das organizações civis que participaram do workshop de Belém

	Name (Abbreviation)	Institution - Name Complete (alphabetical order)	Site
1	ABC	Associação Brasileira de Criadores	www.abccriadores.org.br
2	ABIOVE	Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais	www.abiove.org.br
3	ABRAFRIGO *	Associação Brasileira dos Frigoríficos	www.abrafrigo.org.br
4	AIMEX	Associação da Indústria dos Exportadores de Madeira do Pará	www.aimex.org.br
5	ALCOA	Alcoa Aluminios S.A.	www.alcoa.com.br
6	CIMI*	Conselho Indigenista Missionário	www.cimi.org.br
7	CNS	Conselho Nacional da Populações extrativistas	
8	CPT*	Comissão Pastoral da Terra	www.cpt.org.br
9	CTA e CCM	Centro de Trabalhadores da Amazônia e Comitê Chico Mendes	www.cta.org.br
10	FAEPA*	Federação de Agricultura e Pecuária do Pará	www.faepe.org.br
11	FASE	FASE – Educação e Solidariedade	www.fase.org.br
12	FNBF *	Fórum Nacional de Atividades de Base Florestal	www.forumflorestal.org.br
13	FSC/IFT	Instituto Floresta Tropical	www.ift.org.br
14	FVPP	Fundação Viver Produzir e Preservar	www.fvpp.org.br
15	GREENPEACE	Greenpeace	www.greenpeace.org
16	IEB	Instituto Internacional de Educação do Brasil	www.ieb.org.br
17	ISA	Instituto Socio Ambiental	www.isa.org.br
18	TNC	The Nature Conservancy	www.tnc.org
19	SAE	Secretaria de Assuntos Estratégicos	www.sae.gov.br
20	VALE	Vale S.A.	www.vale.com

- não compareceram

Três questões que gostaríamos de chamar a atenção relativas ao processo de construção do grupo de *stakeholders* do Projeto Amazalert. A primeira é pertinente à escolha das instituições e seus representantes pela equipe de pesquisadores e mediadores dos workshops. São eles que garantem a participação de todos os convidados para conseguirem chegar no resultado final esperado. A segunda é sobre a dinâmica da participação nos workshops. A terceira é sobre as ausências dos convidados que confirmam e não comparecem. As escolhas, as participações e as ausências são elementos que angularam, limitaram e muitas vezes condicionaram a construção do grupo de *stakeholders*, sobretudo, se considerarmos a complexidade socioeconômica e ambiental como a Amazônia.

O primeiro elemento – a escolha dos participantes.

Como definir uma lista de convidados, num contexto tão complexo e diverso como a região Amazônica? Ou seja, como escolher as instituições para um workshop que teve o objetivo de levantar e elencar questões para construção de Cenários para Amazônia até 2050? O ponto de partida foi organizar uma lista bem ampla de potenciais instituições, atores e *stakeholders*, a partir das memórias das experiências nas pesquisas de campo e conhecimento teórico sobre a região da equipe organizadora. Isso significou, que para estruturar um workshop foi preciso considerar a equipe multidisciplinar e multi-institucional de pesquisadores mediadores que, além do conhecimento teórico sobre as questões ambientais, tivessem a prática e a experiência sobre os gêneros de conflitos nos vários níveis da sociedade, para garantir a formação de um grupo mais heterogêneo possível. Assim, para a escolha dos convidados do 1º workshop em Belém, os pesquisadores e mediadores consideraram o histórico das instituições e por conseguinte, os seus representantes. Também observaram o posicionamento político e engajamento de cada participante, nas questões temáticas de interesse dos Cenários Participativos.

Os critérios de escolha para o 2º workshop em Brasília foram as instituições governamentais, pelo seus campos de atuações e pelos resultados dos programas e políticas públicas dos seguintes Ministérios: do Meio Ambiente, da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário, do Desenvolvimento Social, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia, da Casa Civil e da Pesca. Também foram convidados representantes do setor financeiro e bancos de investimento (tabela 3). Além de alguns participantes do 1º encontro (Amazalert – Cenários Participativos, 2014, p.12).

Tabela 3 – lista de convidados do 2º workshop de Brasília do Projeto Amazalert

	Abreviações	Instituições	Con vites aceit os	Pres ença
1	MMA/ZEE	Ministério do Meio Ambiente- Diretoria de Zoneamento Territorial	1	1
2	MMA/SFB	Ministério do Meio Ambiente - Serviço Florestal Brasileiro	1	
3	MMA/ANA	Agência Nacional de Água - Coordenação de Gestão Estratégica	1	1
4	MC	Ministério das Cidades	1	
5	EPE	Empresa de Pesquisas Energéticas	1	1
6	TNC	The Nature Conservancy	1	1
7	MDS	Ministério do Desenvolvimento Social - Assessor Parlamentar	1	*
8	MAPA	Ministério da Agricultura -Dep. de Sistema de Produção e Sustentabilidade	1	1
9	MMA	Ministério do Meio Ambiente	1	*
10	MMA	Ministério do Meio Ambiente	1	*
11	MMA/DPCD	Dep. de Políticas para Combate ao Desmatamento	1	*
14	MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia - Diretoria de Mudanças Climáticas	1	*
13	ABC	Associação Brasileira de Criadores	1	1
14	MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura	1	1
15	MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura	1	*
16	FVPP	Fundação Viver Produzir e Preservar	1	*
17	MMA	Gerente Executivo de Monitoramento e Auditoria Florestais	1	*
18	CTA	Conselho dos Trabalhadores da Amazônia	1	1
19	EU	European Commission	1	*
20	CCM	Comitê Chico Mendes	1	1
21	BASA	Banco da Amazônia	1	*
22	SAE -PR	Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República	1	*
23	MMA	Ministério do Meio Ambiente	1	*
24	BASA	Banco da Amazônia	1	1
25	MJ/FUNAI	Fundação Nacional do Índio - Coordenadora de Gestão Ambiental	1	1
26	INPA	Instituto de Pesquisas Amazônicas -Coordenador de dinâmicas ambientais	1	1
27	MD	Ministério da Defesa - Diretoria de Serviço Geográfico (DSG)	1	1
28	EU	European Commission	1	1
29	MMA/GIZ	Grupo de Cooperação da Alemanha	1	1
30	MMA	Ministério do Meio Ambiente	1	1
31	MDA/PTL	Programa Terra Legal	1	1
32	MAPA	Ministério da Agricultura	1	*

* não compareceram

O segundo elemento – a participação.

A participação dos atores que apresentam suas ideias com clareza e defendem as ações institucionais dos setores que representam, foram os referenciais para equipe. Elas foram importantes e necessárias para a arena de construção dos Cenários Participativos para o futuro da Amazônia. Foram a diversidade de ideias e perspectivas dos *stakeholders* que evidenciaram, confirmaram e detalharam os problemas e questões socioeconômicas e ambientais da região.

A dinâmica relacional participativa dos grupos foi um foco de muita atenção do grupo de pesquisadores/mediadores, sobretudo quando são evidenciados a relação de poder e de domínio. São elementos observados a partir do deslocamentos que Hanningan (2009. P.85) fez dos estudos de Foucault (in Hanningan, 2009) sobre a ação do poder nas relações sociais para os estudos sobre o discurso ambiental, “o poder pode estar em todo lugar, mas as relações de poder são raramente simétricas e completamente democráticas”. A

dominação é ação assimétrica das relações de poder. Numa arena, como a construção de Cenários Participativos, esses elementos discursivos ora emergem, ora submergem. Para os pesquisadores/mediadores são dados que informam, pois representam as ações no campo. São disputas discursivas, fundamentais, que evidenciam a plurivocidade dos conflitos sociais na região, portanto, forneceram importante material que permitiram análises mais aprofundadas, para além dos discursos dicotômicos.

Na dinâmica do 2º workshop em Brasília, houve a apresentação dos objetivos do Projeto Amazalert e os resultados do 1º workshop de Belém. Os convidados foram divididos em três grupos, previamente organizada, para revisão das trajetórias dos temas propostos e desenvolvidos durante o 1º workshop de Belém: grupo do desenvolvimento social; grupo dos recursos naturais; e grupo do desenvolvimento econômico. A lista de convidados permitiu valorizar o campo do conhecimento de cada sujeito para prévia organização dos sub grupos temáticos, com a finalidade de desenvolverem os trabalhos no 2º workshop. Entretanto, muitos faltaram no dia marcado. Assim, o grupo das atividades econômicas ficou com maior número de participantes. O grupo do tema sobre recursos naturais, comparado ao econômico, foi menor. Mas, foi o grupo para o tema do desenvolvimento social, que ficou em menor número, pois a maioria dos representantes institucionais, não puderam comparecer.

O terceiro elemento - as ausências.

A partir da lista dos convidados confirmados do 1º workshop em Belém concluímos que a dinâmica, entre participação e ausência, deixou claro problemas e conflitos latentes da região amazônica. Nesse sentido, tão importante quanto analisar as presenças e as discussões que ocorreram durante os exercícios de construção de cenários, as ausências suscitaram perguntas sobre quem se recusou a participar, e por quê. Dentre as ausências, a ação de um convidado, representante de uma organização não governamental que trabalha com direitos humanos nos assentamentos chamou a atenção da equipe organizadora. Ele confirmou sua presença, compareceu na abertura do workshop, conforme combinado, mas foi para protestar contra a presença de outros convidados, em seguida se retirou. Sua ação tornou a sua ausência um discurso. Sua atitude forneceu a materialidade discursiva para interpretar esse gesto, na perspectiva da Análise do Discurso (AD) da vertente francesa, campo de pesquisa que analisa as formas de discursos. Com base nas interpretações, “mesmo correndo riscos com base nas interpretações psicológicas” (ACHARD, 2010), podemos enxergar sua expressão pois, as ausências produzem sentidos, são gestos

discursivos, polissêmicos e passíveis de muitas interpretações e podem conter muitos significados, que ficam no campo do implícito (Achard, 2010). Se por acaso o protesto não ocorresse, não haveria nenhuma base, nem imaginária, para pressupor um forma de discurso. Mas o ato do protesto, assim como a expressão da ausência, deu significado às ausências e explicitou um problema incrustado no interior da Amazônia. Trouxe para o 1º workshop do Amazalert os sinais dos conflitos existentes na Amazônia e mostrou a dificuldade de estabelecer o diálogo. Sinalizou que os conflitos são históricos na região e que continuam intensos. A dificuldade em dialogar, evidenciou um profundo ressentimento que consolida o discurso da injustiça social (Hanningan, 2009). Gestos de uma memória social complexa, pequenas amostras de construções históricas, mas que representam grandes desafios às políticas públicas que visam a sustentabilidade.

Apesar das ausências, o workshop de Belém de Cenários Participativos apontou as questões motivadoras dos conflitos históricos e estão expressas de diversas formas, mas concretamente para o Amazalert foi o levantamentos dos problemas de âmbito social, econômico e ambiental na região amazônica. Numa construção conjunta os *stakeholders*, pesquisadores, mediadores presentes e participantes do Cenários Participativos do Projeto AMAZALERT⁷ consolidaram o primeiro documento que projeta o futuro para a Amazônia.

No 2º workshop em Brasília, as ausências foram na maioria dos casos, motivadas por agendas e compromissos dos convidados governamentais. Dos 32 convidados que aceitaram o convite, 18 efetivamente compareceram (tabela 3). Somados com a equipe de pesquisadores/mediadores, o total do 2º workshop em Brasília foi de 30 participantes (Amazalert – Cenários Participativos, 2014, p.13 e 14). As ausências não mereceram uma análise mais aprofundada porque não houve um acontecimento que evidenciasse algum tipo de conflito latente, passível de atenção naquela arena, a não ser, o dado sobre a disponibilidade das agendas dos atores governamentais, como um importante fator que influência a organização de workshops para construção de Cenários Participativos sobre políticas públicas.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

A comunicação, observada do espaço terceiro, visto como um elemento que permite compreender a dinâmica social frente à complexas mudança ambientais, foi testada por Ostrom, Gardner e Walker (1994) e outros colaboradores, conforme descritos nos

⁷ No anexo A – nos enunciados do presente, no item Desenvolvimento Social.

experimentos publicados na parte II do livro *Rules, Games and Common-Pool Resources* (1994). *Communication in the commons* é um dos capítulos dessa série de estudos. Num dos experimentos, os pesquisadores demonstraram que a comunicação face a face pode mudar as expectativas dos outros jogadores, principalmente se os jogadores acreditarem que os outros são cooperativos, que podem “jogar cooperativamente para induzir a cooperação de outros” (OSTROM, GARDNER E WALKER, 1994, p.148). Os autores evidenciam a importância da cooperação como um elemento importante, pois pode suscitar a capacidade racional de sustentar algum tipo de engajamento, mesmo lidando com informações complexas e por vezes incompletas. Nos workshops dos Cenários Participativos do Projeto AMAZALERT, foi possível perceber como os vários atores, dos diferentes setores da sociedade conseguiram interagir cooperativamente, juntos conseguiram elencar, discutir e construir enunciados que evidenciam os problemas entranhados no interior das sociedades amazônicas. Ainda ancorados nos resultados dos experimentos sobre a comunicação na gestão comunitária dos recursos naturais que Ostrom, Gardner e Walker (1994, p.148) demonstraram, vimos que, a comunicação face a face, como a que ocorreu durante a construção dos Cenários, pode mudar as expectativas dos atores envolvidos. Permitiu principalmente levantar, elencar e listar os diversos problemas e questões para a Amazônia, além disso, institucionalizou o grupo de *stakeholders* do Projeto e valorizou o papel dos *stakeholders*, sujeitos sociais no projeto científico Amazalert, pois além de serem os beneficiários diretos dos serviços ecossistêmicos da bacia amazônica, são os principais *drivers*, agentes, partes do sistema das mudanças climáticas pelos usos e mudanças da cobertura do solo. Os resultados estão descritos no Relatório Preliminar *Síntese preliminar de resultados das oficinas de Belém e Brasília. Qual o Futuro que queremos?*(2014), que contém enunciados formulados a partir dos workshops. São informações e impressões dos *stakeholders* (Amazalert - Cenários Participativos, 2014, anexos)⁸ com contribuições, observações posteriores e por fim validados pelos participantes dos dois workshops. Documento que deverá resultar numa publicação *on line* a ser disponibilizado pelas instituições parceiras do Projeto Amazalert. Nele, estão o total de 265 questões⁹ considerando o presente, as projeções e as trajetórias para um cenário sustentável, e também projeções e trajetórias que levarão a Amazônia para um cenário caóticos. São questões

⁸ Também disponível no AMAZALERT Delivery Report 1.2, no site www.eu-amazalert.org, acessado em 12/04/2015

⁹ Conteúdo do documento *Síntese Preliminar de Resultados das Oficinas de Belém e Brasília* (2014) que será editado na versão digital com livre acesso para que todos possam consultar, principalmente para que os *stakeholders* possam utilizar e serem potenciais divulgadores das recomendações formuladas.

referentes atuais programas e políticas públicas que, evidenciam, sobretudo, a preocupação e a dúvida sobre a eficiência das ações voltadas para sustentabilidade. Além disso, A convivência, a mediação atenta, a própria dinâmica dos workshops, que amalgamada pela interação comunicativa suscitaram a participação bastante colaborativa. Os espaço dos workshops de Cenários Participativos se constituíram numa arena, onde puderam expor os conflitos enfrentados em suas atuações cotidianas. A dinâmica dos workshops pode ser também interpretada como sendo uma ação de construção da memória coletiva (Halbwachs, 2009) para todos os participantes. Como as questões ambientais, sociais e econômicas estão imbricadas de forma complexa, a tarefa para comunicar com a sociedade tornou, também complexa, a comunicação. Potencialmente cada enunciado do Relatório *Síntese preliminar de resultados das oficinas de Belém e Brasília. Qual o Futuro que queremos?* (2014), poderia ser matéria de debate dentro das instituições governamentais e não governamentais, e estimular àqueles que trabalham com a Amazônia à se questionarem sobre a eficácia de suas ações

CONCLUSÃO

A comunicação esteve no centro de algumas inquietações expostas verbalmente pelos *stakeholders* no final das revisões e apresentações das trajetórias. Inquietações que foram ditas de forma participativa e legitimadas dentro da dinâmica dos workshops. Assim ressaltaram: (i) a necessidade de uma integração mais efetiva dos dados, resultados e informações obtidas de outras experiências do gênero; (ii) foi reivindicado a necessidade de sincronizar dados e informações das diferentes políticas públicas, com objetivo de tornar a gestão territorial na Amazônia, mais efetiva (anexo E, Cenários Participativos, 2014).

As participações, as contribuições, as interações e as inquietações dos *stakeholders* presentes mostraram que os esforços das instituições, dos setores produtivos, das organização não governamentais para que o desenvolvimento na Amazônia ocorra de forma sustentável, são processos que ainda estão em construção. Contudo, faltam dinâmicas e iniciativas que visam a comunicação, sejam elas para troca de informações no âmbito interinstitucional governamental, como também ações para o esclarecimento da sociedade.

Na perspectiva da comunicação, o documento é também um produto cujo conteúdo em si, tem potencia para provocar um amplo debate da mídia especializada. Contudo, para formar opinião pública, conseguir alcançar a grande audiência, construir uma memória coletiva sobre temas científicos complexos como as atuais questões ambientais e

socioeconômicas, para além do âmbito institucional governamental e da publicação científica, requererá, sobretudo, vontade política em comunicar tais questões. Significa a construção de um planejamento adequado, sincronizando ações específicas de comunicação face à face, com o desenvolvimento de produtos de comunicação, considerando as especializações técnicas-profissionais, para que, objetivamente, programas e políticas públicas, para a sustentabilidade, consigam estabelecer uma nova dinâmica relacional e comunicativa com a sociedade.

Concluimos que as práticas para construção de Cenários Participativos em projetos como Amazalert criam espaços terceiros, entre os dados coletados e a produção de resultados. Estes espaços terceiros podem, entre a coleta de dados e a produção de resultados científicos, funcionar como atividades que vão além dos exercícios científicos tradicionais. Podem se tornar tecnologias sociais explicitamente destinadas à influenciar tanto a ciência como a política de forma sinérgica.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. *Memória e produção discursiva dos sentidos* in ACHAR, Pierre; DAVALLON Jean; DURAND, Jean- Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. O Papel da Memória. Tradução. José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editora, 2010.

AGUIAR, Ana Paula Dutra; ASSIS, Talita; FOLHES, Ricardo Teophilo; NORA, Eloi Dalla; SANTOS JUNIOR, Roberto Araújo de O; ALVES, Diógenes. *Cenário e Modelos de desmatamento para a Amazônia*. In VIEIRA, Ima Célia Guimarães; TOLEDO, Peter Mann; SANTOS JUNIOR, Roberto Araújo Oliveira. *Ambiente e Sociedade na Amazônia*. Uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Editora Garamound.

AMAZALERT Proposal. *Raising the alert about critical feedbacks between climate and land use change in Amazonia*, 2011.

AGUIAR, Ana Paula Dutra. BATISTELLA, Mateus. *Two stakeholder meeting in M1 and M18*. AMAZALERT Delivery Report 1.1 no site www.eu-amazalert.org - acessado em 14 de abril de 2014.

AGUIAR, Ana Paula Dutra. KOK, Kasper, BATISTELLA, Mateus. *AMAZALERT stakeholder workshops and interviews: Summary of all participatory activities and results related to scenarios development*. D.R 1.2 no site www.eu-amazalert.org - acessado em 12 de abril de 2015

BART, Kruijt. *A blueprint for an early warning for critical transitions system in Amazônia*. Delivery Report 5.1-3 no site www.eu-amazalert.org - acessado em 30 de maio de 2015.

CENÁRIOS PARTICIPATIVOS DO PROJETO AMAZALERT. *Síntese preliminar de resultados das oficinas de Belém e Brasília. Qual o Futuro que queremos?* sn,; sL. Projeto Amazalert, 2014.

FOLHES, Ricardo Theophilo; AGUIAR, Ana Paula Dutra; SANTOS JR, Roberto Araújo de Oliveira. *Cenários Participativos de Mudanças no Uso da Terra na Amazônia: o caso de Vila Brasil no Projeto de Assentamento Agroextrativista do Lago Grande, PA*. Campo Território: revista de geografia agrária, v.7, n.14, p.1-34, 2012

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. Sao Paulo: Centauro Editora, 2009.

HANNINGAN, John. *Sociologia Ambiental*. Tradução Annahid Burnett. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

LENTON, Timothy M. Lenton. *Early warning of climate tipping points*. Review Articles on line: Nature Climate change. 2011

LETTMAYER, Gudrun. FRIEDEN, Dorian. *Dissemination and Communication Plan*. AMAZALERT Delivery Report 6.1, acessado em 12 de maio de 2015.

OSTROM, Elinor; GARDNER, Roy; WALKER, James. *Rules, Games, and Common-Pool Resources*. USA: The University of Michigan Press, 1994

RANDOW, Celso von. JANS, Wilma. *At least three training sessions*. AMAZALERT Delivery Report D6.5, acessado em 12 de maio de 2015.